

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

MARCUS VENICIUS SANTOS CAMARGO

**CRASE METAPLASMÁTICA: UMA ABORDAGEM DIACRÔNICA DA VARIAÇÃO  
ENTRE HIATOS E FORMAS CRASEADAS DE VOGAIS MEDIAIS EM PALAVRAS  
DO PERÍODO ARCAICO DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Brasília – DF

2019

Marcus Venicius Santos Camargo

**CRASE METAPLASMÁTICA: UMA ABORDAGEM DIACRÔNICA DA VARIAÇÃO  
ENTRE HIATOS E FORMAS CRASEADAS DE VOGAIS MEDIAIS EM PALAVRAS  
DO PERÍODO ARCAICO DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como exigência parcial para a  
obtenção do grau de licenciatura em Letras  
Português, na Universidade de Brasília, sob  
a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Juliana Soledade  
Barbosa Coelho.


Brasília

2019

**CRASE METAPLASMÁTICA: UMA ABORDAGEM DIACRÔNICA DA  
VARIAÇÃO ENTRE HIATOS E FORMAS CRASEADAS DE VOGAIS MEDIAIS  
EM PALAVRAS DO PERÍODO ARCAICO DA LÍNGUA PORTUGUESA.**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade de Brasília,  
como exigência parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras  
Português da Universidade de Brasília.**

**Aprovado em 06 /12 / 2019**



---

**Profª. Juliana Soledade Barbosa Coelho**  
Universidade de  
Brasília  
Orientadora

## DEDICATÓRIA

Dedico esse relatório a todos os professores responsáveis por minha graduação, desde os que me ajudaram na educação básica, incentivando-me a sempre lutar por meus objetivos, até os responsáveis por me guiarem ao longo do ensino superior, gerando e alimentando dentro de mim a curiosidade e a paixão que hoje tenho pela Língua Portuguesa em sua variante brasileira.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus por estar sempre ao meu lado, acolhendo, protegendo e inspirando-me a viver com vigor e alegria, além de alimentar minha fé com bênçãos e a certeza de que meu esforço será recompensado com realizações pessoais, profissionais e familiares.

Agradeço a todos os amigos e colegas de curso que estiveram comigo ao longo da graduação, incentivando e fortalecendo-me na busca pela compreensão e aperfeiçoamento ao longo dessa jornada. Agradeço, em especial, à minha amiga Karla Farlenn Pereira dos Santos, companheira de debates e discussões que sempre geravam crescimento e alimentavam a esperança nos momentos mais desafiadores da minha trajetória acadêmica.

Agradeço aos professores Paulo Medeiros Lopes, Maria Luiza Ortiz Alvarez, Maria Luiza Monteiro Sales Coroa, Adriana de Fátima Barbosa Araújo e Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues por instigarem-me intensamente ao longo de suas aulas, promovendo minha imersão nos mais distintos e fantásticos labirintos e bifurcações que só o estudo das letras pode promover.

Faço um agradecimento especial a minha professora e orientadora neste trabalho, Juliana Soledade Barbosa Coelho, por demonstrar sua paixão pela linguística histórica através de aulas hipnotizantes e repletas de esclarecimentos e ponderações enriquecedoras. Por ser tão receptiva e paciente nos meus momentos de incerteza e pouca inspiração. Por compartilhar de suas experiências e conhecimentos, proporcionando uma imersão cada vez maior em minhas pesquisas e levantamentos. Por sempre retornar minhas produções com novas ideias e palavras de apoio, alimentando minha convicção acerca de estar produzindo algo realmente relevante no âmbito da pesquisa linguística.

Agradeço aos meus amigos mais íntimos por entenderem os momentos em que precisei afastar-me para dedicar-me com mais profundidade aos estudos, sempre me respeitando e incentivando a prosseguir.

Agradeço à minha mãe, companheira eterna de cumplicidade e incentivo, por se esforçar para criar sempre um ambiente acolhedor e confortável para meus

estudos. Por esforçar-se desmedidamente em promover a melhor condição possível para meu crescimento, sempre enfatizando a importância dos estudos e da qualificação pessoal e profissional.

Por fim, agradeço à minha noiva Isabela de França Ramalho, a pessoa mais incrível que tive a oportunidade de conhecer nessa vida, sendo minha fortaleza nos momentos de fraqueza e incredulidade. Àquela que foi responsável por ensinar-me uma série de comportamentos e atitudes que seriam fundamentais para que eu chegasse a esse momento tão especial em minha vida, conservando a fé e a paixão profissional.

A todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

*“Não deixem que lhe façam pensar que você não é capaz de fazer algo porque essa pessoa não consegue fazer. Se você deseja alguma coisa, se quer realmente, lute por isso e ponto final.”*

(Conrad, Steven; 2006)

## RESUMO

Os três séculos finais da Idade Média e o primeiro relativo à Idade Moderna constituem um importante período de transição linguística, principalmente no que tange à Língua Portuguesa. Esse primeiro momento, relativo ao estabelecimento dessa variante românica, foi marcado por uma série de incertezas e variações nos mais distintos elementos que compõem esse rico sistema linguístico. Dentre essas variações, percebe-se a constante aplicação de fenômenos fonológicos responsáveis por adaptar étimos de origem latina em palavras pertencentes à Língua Portuguesa moderna, tais como a síncope e a crase metaplasmática. Os grandes estudiosos da linguística histórica defendem que quase todas as transformações fonológicas do latim ao português já estavam finalizadas nas primeiras décadas do século XVI, haja vista que as principais adaptações ocorreram paulatinamente durante os três séculos anteriores. Com base nessas informações, esse trabalho busca comprovar se tal fenômeno também se aplica ao processo de simplificação das vogais geminadas (crase) decorrentes da síncope de consoantes intervocálicas, a fim de identificar eventuais processos dissonantes no âmbito do desenvolvimento linguístico de nosso idioma.

**Palavras-chave:** Língua Portuguesa; período arcaico; síncope; crase; metaplasmo; étimo; variação; palavra.



## **ABSTRACT**

The final three centuries of the Middle Ages and the first centuries of the Modern Age constitute an important period of linguistic transition, especially in the Portuguese language. This first moment concerning the establishment of this Romanesque variant was marked by a series of uncertainties and variations in the most distinct components of the linguistic system. Among these variations, we can see the constant application of phonological phenomena responsible for adapting great Latin origin in words belonging to the modern Portuguese language, such as syncope and metaplasmic crase. The great scholars of historical linguistics argue that almost all phonological transformations from Latin to Portuguese were already completed in the first decades of the 16th century, since the main adaptations occurred gradually during the previous three centuries. Based on this information, we seek to prove whether this phenomenon also applies to the process of simplifying the twin vowels resulting from intervocalic consonant syncope, in order to identify any dissonant processes within the linguistic development of our language.

**Keywords:** Portuguese Language; archaic period; syncope; crase; metaplasma; thymus; variation; word.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	12
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b>	13
<b>2.1 O período arcaico da Língua Portuguesa</b>	14
<b>2.2 Os metaplasmos</b>	16
2.2.1 A síncope	17
2.2.2 A crase	19
<b>3 METODOLOGIA</b>	20
<b>4 ANÁLISE DE DADOS</b>	21
<b>4.1 Dados gerais</b>	21
4.1.1 Bene, Bonum, Bona, Beneficium e Benedictus	24
4.1.2 Tenebras e Generalis	26
4.1.3 Pede, Credentia, Fidem e Merçedis	27
4.1.4 Diabulus, Populum, Voluntatis e Dolorem	29
4.1.5 Caelum, Paenitentiae, Hominem e Magister	31
4.1.6 Ratione, Temptatione, Perfectione e Passione	33
4.1.7 Os casos particulares – Fidelis, Solum e Metipsimum	34
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	37
<b>REFERÊNCIAS</b>	39

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Formas geminadas X formas craseadas no período arcaico da Língua Portuguesa _____	22
Gráfico 2 - Formas geminadas X formas craseadas em palavras com pelo menos dez aparições _____	23
Gráfico 3 - Bene, Bonum, Bona, Beneficium e Benedictus _____	26
Gráfico 4 - Tenebras e Generalis _____	27
Gráfico 5 - Pede, Credentia, Fidem e Merçedis _____	29
Gráfico 6 - Diabulus, Populum, Voluntatis e Dolorem _____	31
Gráfico 7 - Caelum, Paenitentiae, Hominem e Magister _____	33
Gráfico 8 - Meesmo e mesmo durante o português arcaico _____	36

## 1 INTRODUÇÃO

A compreensão linguística vai muito além do domínio dos processos normativos impostos pela gramática tradicional ou do reconhecimento de suas variações dialectais. Trata-se, antes de tudo, de um mergulho nas questões históricas responsáveis pelo estabelecimento e disseminação dessa variante cultural dentro de determinada sociedade.

A Língua Portuguesa surgiu há cerca de 800 anos na porção noroeste da Península Ibérica, em uma área denominada *Galiza*, região que hoje pertence à Espanha. Ao longo desses 8 séculos, essa língua, inicialmente chamada de Galego-Português, passou por diversas mudanças até se materializar nas variantes que hoje se conhece. No entanto, é um erro atestar que tais mudanças se deram da noite para o dia ou simplesmente foram instituídas pela publicação de uma determinada gramática responsável por reunir as principais características consideradas cultas em torno de uma obra inquestionável. Ainda que as primeiras gramáticas publicadas na primeira metade do século XVI por Fernão de Oliveira e João de Barros tenham sido fundamentais para o controle do novo idioma que se disseminara em parte da Península Ibérica e ao longo da costa do atlântico na América do Sul, muitas mudanças passaram por longos períodos de variação linguística até que uma forma sobrepujasse as demais e encontrasse lugar de prestígio na fala e na escrita de falantes do português.

É fundamental também reconhecer que a formação de uma língua é um processo dinâmico e inacabado, isto é, sempre haverá movimentações no sentido da modernização e readequação à sua comunidade de fala, objetivando maior compreensão e eficaz utilização por meio de seus falantes. No entanto, é natural que qualquer língua em sua fase inicial passe por longos períodos marcados por grandes indefinições e mudanças. No âmbito da Língua Portuguesa, pode-se determinar como sendo esse momento de transição, o período que vai desde os primeiros anos do século XIII à primeira metade do século XVI, na fase comumente conhecida como *Português Arcaico*.

Ao longo desses 4 séculos, a Língua Portuguesa se notabilizou por apresentar uma série de incertezas nos mais diversos níveis linguísticos (fonológico,

morfológico, sintático). Dentre essas inconsistências pode-se destacar a queda de certos fonemas consonantais que acabariam por aproximar duas vogais idênticas, gerando dessa forma, um hiato composto por vogais geminadas. Posteriormente, essa duplicação acidental das vogais será quase que inteiramente substituída por um processo fonológico conhecido como *crase metaplasática*. Mas, de que forma se deu esse processo? Por quanto tempo essa geminação permaneceu na língua? Tais modificações ocorreram ao mesmo tempo em todas as palavras? São essas perguntas que este estudo busca responder.

Procedendo à análise de alguns textos escritos ao longo dos séculos que compõem o período do Português Arcaico, fiz a seleção das palavras onde se observou a presença de hiatos em sua composição. Como o corpus observado inicialmente mostrou-se de grande extensão, decidí pela delimitação da análise, selecionando apenas as vogais mediais do quadro fonético do português brasileiro, isto é, as ocorrências em –ee e –oo.

A ideia é comprovar que houve um processo contínuo de redução das vogais geminadas ao longo dos séculos XIII a XVI, sem que houvesse, na instituição desse fenômeno, a influência direta das primeiras gramáticas do português, comprovando que, dentre os grandes escritores da época, já havia a preocupação em transpor para suas obras, os traços da oralidade, haja vista que, por um processo de economia linguística<sup>1</sup>, as palavras tendem a passar por um processo natural de simplificação, tanto na oralidade, quanto na escrita. Outro objetivo é comprovar que as inconsistências de ordem metaplasática apresentadas durante o Português Arcaico, foram quase que exclusivamente extintas antes da chegada dos portugueses às terras brasileiras, trazendo para a América uma língua já em fase final de *estandarização*.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

---

<sup>1</sup> Lei proposta por William Dwight Whitney em 1980 sob o nome de “Lei do menor esforço”. Esse princípio defendia que os seres humanos tendem a simplificar a linguagem, no intuito de promover uma comunicação efetiva com o menor número de componentes linguísticos possível. Tal lei ficou mais tarde conhecida como uma das características básicas da linguagem. Muito embora saibamos que essa tendência é um fato nas línguas, não podemos admitir que se trate de um lei, pois muitas vezes, sobretudo por fatores semânticos, a economia linguística não se processa.

## 2.1 O período arcaico da Língua Portuguesa

Compreende-se como período arcaico, o intervalo entre os séculos XIII e XVI, no qual a língua utilizada pelos habitantes da porção noroeste da Península Ibérica deixa de ser o latim, outrora instituído como língua de cultura, para dar vazão a uma variante românica enriquecida pelos superestratos linguísticos dos povos que haviam se instalado na referida região desde o período clássico (ou até mesmo antes, como é o caso dos bascos). A respeito da inauguração de escritos em língua portuguesa, Mattos e Silva (2006) defende veementemente ser considerado o ano de 1214, ainda que se constitua como impossível determinar com exatidão o texto fundador desse período.

Marcam o nascimento do português arcaico, ou seja, o início da história escrita da língua portuguesa o Testamento de Afonso II, datado, indiscutivelmente, de 1214, e a Notícia do Torto, que hoje se considera que foi escrita entre 1214 e 1216. (MATTOS E SILVA, 2006, p.22)

Além de haver essa dificuldade de estabelecer *A notícia do Torto* ou o *Testamento de Afonso II* como texto mais antigo em língua portuguesa, estudos da última década do século passado, empreendidos pela linguista e filóloga Ana Maria Martins nos arquivos da Torre do Tombo, local onde está localizado o arquivo nacional que melhor conserva a história escrita do território português, apontam o texto *Notícia de fiadores*, datado de 1175, como o mais antigo texto escrito em nossa língua, uma vez que já apresentaria características textuais do português arcaico. Ainda que esta informação careça de estudos aprofundados, tal fato não impediu Mateus e Andrade (2000) de afirmarem que os textos mais antigos escritos em Português datam de 1175 (Notícia de Fiadores) e 1214-1216 (Notícia do Torto e Testamento de Afonso II).

Como não é o foco desse trabalho determinar o texto inaugural da fase arcaica do português, utilizarei unicamente a referência ao início do século XIII, para fins de estabelecimento de um contexto.

Outra informação importante diz respeito à subdivisão desse período em duas fases em decorrência de questões históricas e territoriais. No âmbito do início do século XII, é importante ressaltar que no ano de 1179 houve o reconhecimento,

por parte do papa Alexandre III, da independência do território português em relação ao condado galego-portugalense, que estava sob o governo do reino de Castela. Tal fato fez de Portugal o primeiro território reconhecido como nação na Europa. No entanto, os vários séculos de vinculação com o território galego, resultaram em uma variante linguística chamada de galego-português, eternizada pelos famosos cantos trovadorescos do período medieval. Essa variante permaneceu em uso até meados do século XIV, período no qual se deu a expansão das fronteiras portuguesas com a expulsão dos mouros que habitavam a porção centro-noroeste da Península Ibérica. Com isso, a delimitação do espaço territorial português só se concluiu cerca de 150 anos depois de sua independência, e foi justamente nessa época que se instituiu o português como língua oficial do reino.

Não se deve, portanto, desligar a periodização temporal da realidade linguística diferenciada no espaço. Com base nisso, parece procedente uma subperiodização do português arcaico, em que se considere uma primeira fase galego-portuguesa e outra que se definirá como portuguesa, sobretudo a partir da centralização política no eixo Coimbra - Lisboa. Definidos os limites do novo reino português, sela-se um destino histórico diferenciado para o português e o galego. Esse fato culmina com a definição de D. Diniz, que falece em 1325, de legalizar o português como língua oficial de Portugal. (MATTOS E SILVA, 2006, p. 24)

Dessa forma, é comum os estudiosos determinarem que os séculos XIII e XIV correspondem ao período da língua *galego-portuguesa*, enquanto que os XV e XVI dizem respeito à prevalência do *português arcaico*. Essas duas fases apresentam características um pouco distintas, haja vista que os traços mais engessados do latim ainda estavam presentes nos primeiros anos de transição, ficando a cargo da fase seguinte a resolução de alguns problemas gerados pelas adequações iniciais realizadas no período do galego-português.

Existe um conjunto de características responsáveis por identificar um texto como pertencente ao período arcaico da língua portuguesa. Dentre os principais, pode-se citar a existência de várias formas léxicas concorrentes que podiam, inclusive, aparecer em um mesmo sintagma, destacando um caráter complementar, como observado em um trecho do Testamento de Afonso II, onde são citadas as palavras *paz* e *folgança*, como palavras distintas, embora houvesse uma relação de sinonímia entre elas. Outro traço importante a ser destacado é a inexistência do grafema <V> que era substituído pela grafia da vogal /u/, como se

observa nas palavras “uassalo” e “saluo”, também presentes no referido testamento do século XIII. Mas são duas características que nos interessam em especial para a análise dos hiatos durante esse período: os fenômenos da síncope e da crase, dois importantes metaplasmos responsáveis pela transformação de vocábulos latinos em palavras portuguesas. Estes fenômenos serão cuidadosamente apresentados a seguir.

## 2.2 Os metaplasmos

Em algum momento da vida, todo falante do português que tem acesso à educação básica já se deparou com a definição de uma determinada palavra seguida por sua correspondente originária (geralmente em latim ou grego) de modo a aproximar o significado atual da palavra à realidade de sua criação. Encontra-se, por exemplo, explicações do tipo “cerveja, do latim cereuisiam” que parecem “vazias” de significado ou mesmo desnecessárias à primeira vista. Além disso, quem nunca se perguntou de que forma uma vocábulo tão estranho se converteu em uma palavra tão conhecida na língua portuguesa? Automaticamente, é possível fazer algumas relações ou até mesmo identificar certas coincidências entre o elemento latino e o português, mas certas características parecem difíceis de serem percebidas. Essas modificações, muitas vezes radicais, só foram possíveis por uma série de fenômenos linguísticos responsáveis por suprimir, adicionar, movimentar ou modificar certos fonemas existentes no vocábulo originário. A essas modificações dá-se o nome de *metaplasmos*. Viaro (2013, p. 92) define metaplasmos como “mudanças fonéticas que dão um caráter de previsibilidade às mudanças linguísticas”. Coutinho (1976, p. 143) divide os metaplasmos em 4 grupos: por permuta, por aumento, por subtração e por transposição. Cada um desses grupos apresentaria subdivisões específicas que explicariam tais modificações em decorrência de diversos fatores. Essas mudanças acabam ocorrendo por uma série de motivos que vão desde a simplificação de termos de difícil articulação por parte dos falantes, até a diminuição de vocábulos no intuito de promover a economia linguística. Partindo desse pressuposto, pode-se deduzir que a palavra “cereuisiam” passou por uma série de processos de perda, movimentação e transformação de fonemas até alcançar sua forma portuguesa moderna.



Existem, no âmbito do estudo etimológico da evolução das línguas, mais de 20 metaplasmos diferentes responsáveis por promover mudanças de natureza fonológica nas palavras. Engana-se, no entanto, quem pensa que esse é um processo acabado e restrito só tão somente à fase de estabilização de uma língua. É possível observar eventos metaplasматыicos ocorrendo atualmente, como por exemplo, o processo de redução do pronome de tratamento “você” que já passou pelas formas *vossa mercê*, *vosmicê* e é constantemente substituída pela forma coloquial *cê*.

Dentre os metaplasmos catalogados pelos linguistas, etimologistas e gramáticos ao longo da história, dois são de interesse direto para o estudo dos fenômenos de aparecimento e posterior desaparecimento de hiatos, tão frequentes no período arcaico, em palavras de nosso idioma atual: a *síncope* e a *crase*. O primeiro foi responsável por originar uma série de hiatos geminados (duas vogais idênticas em sílabas consecutivas, sem intermédio de uma consoante). O segundo, assim como o fenômeno morfológico tão discutido pelas gramáticas modernas, se ocupa de proceder à contração entre dois elementos repetitivos, porém no campo fonético. Analisarei cada um separadamente.

### 2.2.1 A síncope

A síncope nada mais é do que a queda de um fonema localizado no interior de uma palavra, isto é, compreende a perda de qualquer som, exceto o primeiro (que seria aférese) e o último (a apócope).

Um dos motivos que explica a queda desses fonemas diz respeito a já citada Lei do Menor esforço. Encontram-se exemplos de síncope em uma infinidade de palavras de origem latina, como por exemplo, no latim *pede* que passa a *pee* durante o período arcaico e em *dolor* que passa a *door*.

Williams (1991, p. 26) explica que as síncope ganham força dentro dos proto-romances por volta do século VI d.C por ocasião do acento de intensidade que os visigodos colocavam nas vogais tônicas, o que acabou por causar o enfraquecimento de vogais pré e intertônicas. O autor afirma ainda que, embora esse processo tenha ganhado força durante as invasões bárbaras, tal evento já

ocorria quatro séculos antes por conta do acento de intensidade proferido pelos falantes populares do latim da época. É fundamental assinalar também que não foram todas as palavras de origem latina que sofreram síncope ao passarem ao português, acerca disso, Viaro (2013, p. 21) explica:

Quando o Império Romano se fragmentou em reinos, a partir da invasão de outros povos, sobretudo germânicos, no século V, apenas as palavras populares permaneceram durante algum tempo, a ponto de se formarem as chamadas línguas românicas. A força que tentava evitar a fragmentação total sempre foi o latim, contudo, agora na sua vertente medieval. O latim foi a única língua escrita da Idade Média até o século IX na França e até o século XII em Portugal. O latim medieval era dominado apenas por alguns, que se baseavam em algum conhecimento dos autores clássicos e tardios e se utilizavam, sobretudo do estilo da tradição latina da Bíblia (Vulgata), feita no século IV, por São Jerônimo. Mesmo muito tempo depois do surgimento das línguas românicas, o latim continuou sendo usado como língua escrita.

Voltaram, portanto, constantemente, para o léxico vernáculo palavras latinas abandonadas, como se fossem verdadeiros empréstimos. É por isso que algumas palavras que perdem o -d, -n ou -l entre vogais... são chamadas palavras populares (ou palavras vulgares), enquanto as que não o perdem... são chamadas palavras eruditas (ou palavras cultas).

Por meio das palavras de Viaro, compreende-se que algumas palavras latinas passaram por poucas influências do superestrato germânico por se apresentarem unicamente em textos, não se infiltrando na oralidade antes do período da invasão árabe, impedindo que as mesmas sofressem síncope, o que afetou amplamente as palavras usuais da população do noroeste e oeste da Península Ibérica.

Segundo Coutinho (1976, p. 112), “as consoantes mediais surdas latinas, quando intervocálicas, sonorizaram-se em português nas suas homorgânicas, e as sonoras geralmente caem”. É importante ressaltar que esse processo não ocorreu em todos os vocábulos. Viaro (2013, p. 21) explica que após a fragmentação do Império Romano basicamente só as palavras populares permaneceram nas línguas da época. Essas palavras passaram pelos processos descritos por Coutinho, no entanto, séculos depois, alguns vocábulos clássicos foram resgatados já nos romances peninsulares. Estes últimos, em sua grande maioria, não sofreram o fenômeno da síncope intervocálica.

No galego-português, em especial, a síncope afetou as consoantes intervocálicas sonoras: /l/ (como em *colore* > *cor*, *palu* > *pau* e *aquila* > *águia*), /n/

(em luna > lua, arena > areia e bona > boa) e /d/ (gradu > grau, nudu > nu e pede > pé). No entanto, outras consoantes (principalmente o /g/) também sofreram tal processo, ainda que em número menor. Isso fica claro ao se analisar a evolução de palavras como legale > leal, regale > real e ibam > ia.

### 2.2.2 A crase

A queda sistemática de consoantes intervocálicas acabou por gerar um “problema” em um conjunto de palavras: a vogal que outrora acompanhara a consoante sincopada agora aparecia isolada ou sucedida de uma consoante em posição de coda silábica. Inicialmente isso não parece causar grandes dificuldades de carácter fonológico, no entanto, a questão se acentuava quando a vogal isolada era idêntica a que estava presente na sílaba anterior. Nesses casos, é extremamente difícil afirmar qual seria a pronúncia utilizada na oralidade ao se articular palavras que apresentavam tal característica, tanto que Ali (2004, p. 35, 36) questionou o seguinte: “... se os escritores, ignorantes, como eram, das leis linguísticas, faziam literatura consultando o ouvido, trata-se de um caso de sumo interesse.” No entanto, algo fica bem evidente: na oralidade, com o passar do tempo, essa duplicação passou a perder força, até ser substituída pela pronúncia unitária da vogal. Levando em consideração o apontamento supracitado de Ali, pode-se conjecturar que, com o passar dos séculos, tais palavras passaram a ser pronunciadas de forma simples, promovendo, posteriormente, a escrita sem a duplicação anteriormente utilizada. A esse fenômeno de redução de duas vogais idênticas em uma só dá-se o nome de *crase*.

Retorno aos exemplos utilizados no capítulo anterior. Após a queda da consoante intervocálica, as palavras *pede* e *dolor* passaram respectivamente a *pee* e *door*, gerando a presença de vogais geminadas. Como passo seguinte, essas vogais duplicadas sofreram contração, convertendo-se em vogais comuns. Logo, as palavras passaram a ser escritas tais como são conhecidas no português moderno: *pé* e *dor*.

É interessante observar que esse processo de contração de duas vogais em uma apenas, ainda permanece em uso no âmbito da Língua Portuguesa. A crase, amplamente difundida nos dias de hoje, refere-se à união de um “a” artigo

com um “a” preposição. No entanto, é importante assinalar que essa crase atual, é um processo ligado à morfologia, enquanto a crase metaplasática está diretamente relacionada à fonética.

### 3 METODOLOGIA

A seguinte pesquisa foi realizada através de consulta ao site do *Corpus Informatizado do Português Medieval*, CIPM, no qual se encontra uma série de escritos que vão desde textos notariais do século XII até crônicas do século XVI. Dentre os mais de 30 textos digitalizados pelo site, foi selecionado um texto pertencente a cada século relativo ao período arcaico da Língua Portuguesa, totalizando 4 textos cuidadosamente selecionados pela riqueza de informações acerca do objeto deste trabalho. Os textos analisados foram: Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense (Coleção Mística de Fr. Hilário de Lourinhã), datado provavelmente do final do século XIII ou início do século XIV; Corte Imperial (de origem anônima), datado de fins do século XIV; Crônica de D. Pedro I, escrita por Fernão Lopes, ao longo do século XV e; Catecismo, provavelmente do início do século XVI.

Por meio dos textos supracitados, foi realizada uma minuciosa busca nas palavras que apresentavam hiatos compostos por vogais geminadas. Como o corpus inicialmente retornou um número muito grande de vocábulos com as citadas características, decidiu-se por restringir a busca aos hiatos formados por vogais mediais, isto é, ocorrências onde as vogais /e/ e /o/ apareciam duplicadas. Do corpus observado, por questões de simplificação e melhor aproveitamento dos resultados, decidi por excluir dos dados, palavras pertencentes à classe dos verbos e artigos, além de topônimos e antropônimos onde tal fenômeno se manifestava. Ao fim de todo esse processo, foram encontrados 2743 aparições de hiatos nas condições ideais para o prosseguimento do estudo. Excluindo as repetições e flexões relacionadas a número, gênero e grau de algumas palavras, observei a geminação de vogais em mais de 100 palavras, das quais foram selecionadas as de maior ocorrência e que apareciam em pelo menos 3 dos 4 textos examinados. Por meio de alguns dicionários digitais, como o Dicionário de Dicionários do Galego Medieval, o Dicionário de Latim-Português, de Fábio Frohwein de Salles Moniz, e o

Dicionário de Verbos presente no site do CIPM, as palavras encontradas no texto foram traduzidas para o latim e o português moderno, a fim de serem identificadas as mudanças metaplasáticas sofridas até que os vocábulos alcançassem as formas utilizadas na contemporaneidade. A partir desta seleção, reduzi o corpus a 26 palavras, as quais serão explicitadas ao longo da análise dos dados obtidos. Com essa seleção, procedi a uma nova busca nos textos, a fim de encontrar ocorrências onde tais palavras pudessem aparecer já sob o efeito da crase metaplasática, concluindo assim qual forma seria mais comum ao longo de cada século. Como esperado, na maioria dos casos, foram encontradas as duas formas em situação de concorrência, até mesmo em um mesmo sintagma, fato que corrobora a tese de que tal período foi marcado por grandes indecisões linguísticas, em face da ausência de normatização. Ao fim, foi realizado um levantamento dos dados em confronto, no intuito de observar se houve decréscimo, manutenção ou crescimento percentual das formas geminadas em relação às craseadas. A tese era a de que, com o passar dos séculos, como todas as características de indecisão do período arcaico da Língua Portuguesa, as formas mais antigas fossem sistematicamente substituídas pelas formas modernas, causando a quase extinção das vogais duplicadas no âmbito do português moderno.

É importante destacar que os dados aqui obtidos não são por si só, provas irrefutáveis dos processos de variação e mudança nesse período. Em primeiro lugar, tal impossibilidade de conclusão advém do número baixo de textos analisados em relação a toda produção escrita da época. Outro ponto que não pode ser ignorado é o fato de que os textos analisados foram digitalizados, podendo haver inconsistências em relação às obras originais. Dadas as citadas condições, os resultados obtidos por meio dos dados encontrados serão apresentados na análise que dá sequência a esse trabalho.

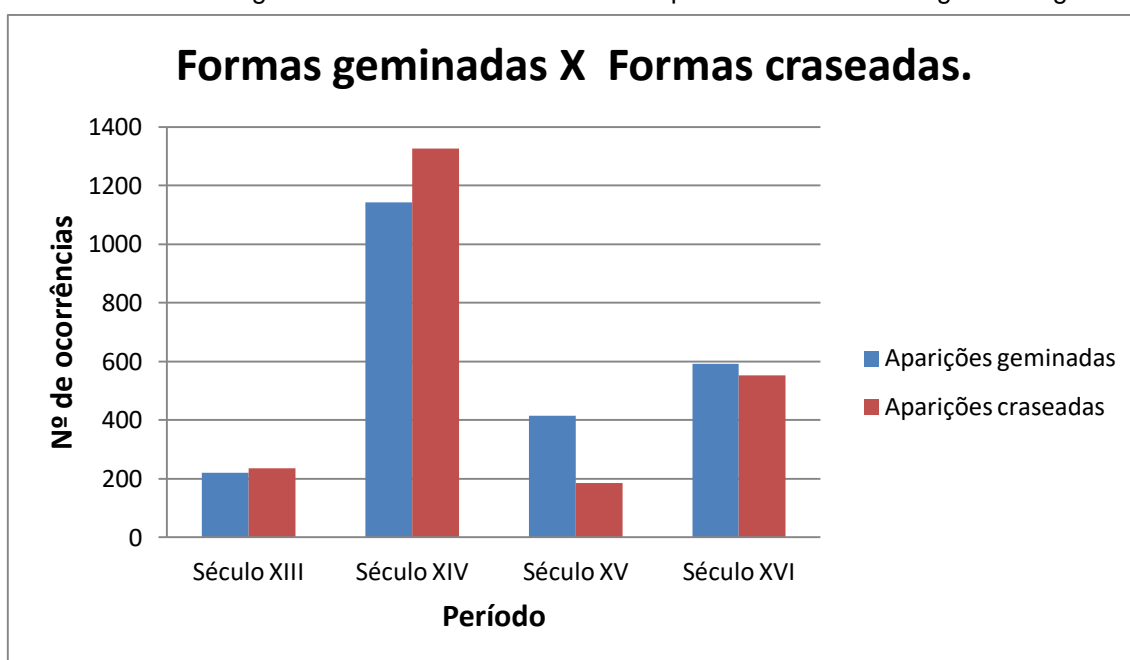
## **4 ANÁLISE DE DADOS**

### **4.1 Dados gerais**

A pesquisa nos já citados textos da Idade Média retornou resultados satisfatórios para uma análise inicial da evolução do fenômeno da crase durante o

período arcaico da Língua Portuguesa. Foram encontrados 15 vocábulos formados pela geminação da vogal /e/ e 11 pela duplicação da vogal /o/. Em pouquíssimos casos não foram encontradas formas concorrentes dentro de um mesmo texto, fato que comprova a variação da época que, mais tarde se converteria em mudança linguística. Com os dados gerais, foi possível construir a tabela abaixo que apresenta o número de aparições de formas craseadas em relação às formas geminadas em cada século do período analisado.

Gráfico 1 - Formas geminadas X formas craseadas no período arcaico da Língua Portuguesa

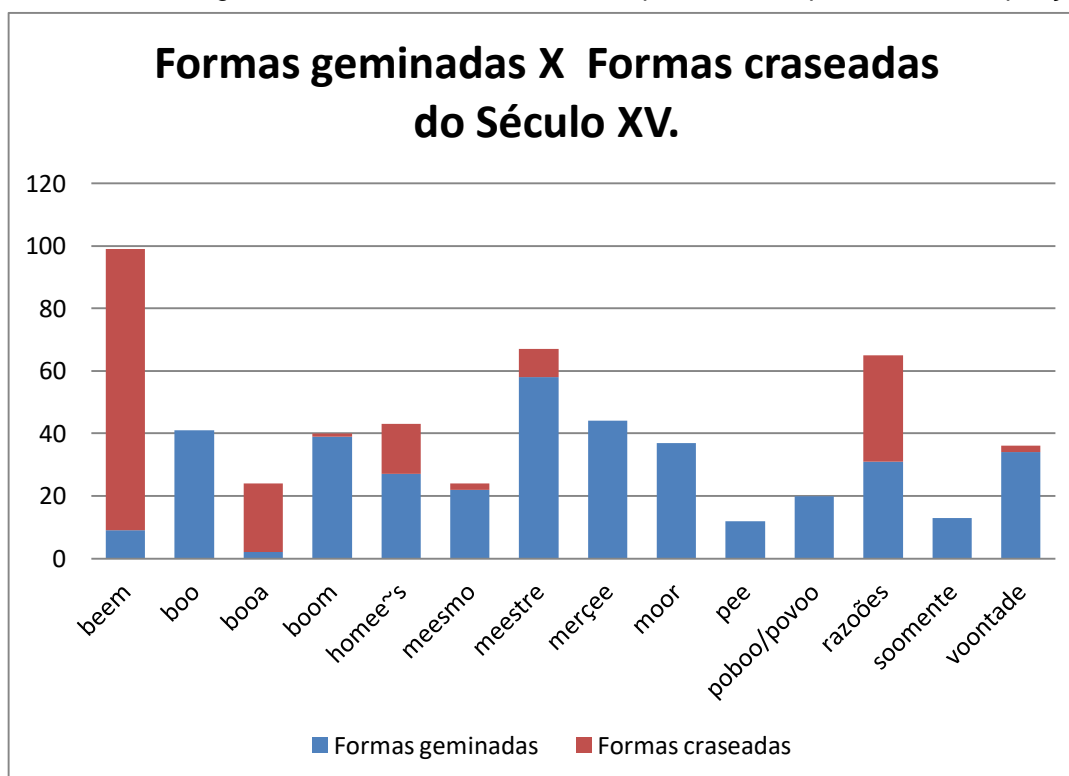


Fonte: O autor

É possível perceber que há uma situação de concorrência extremamente equilibrada em 3 dos 4 séculos analisados, tendo como exceção os dados referentes ao século XV. Tendo em vista que a expectativa era de que as formas geminadas passassem sistematicamente a formas craseadas ao longo dos anos desse período, o gráfico corroboraria essa tese se não fossem considerados os dados do século XV, período no qual, surpreendentemente, as formas geminadas aparecem em maior número que as formas consideradas mais modernas. Isso não necessariamente indica que houve regressão no processo de variação linguística, podendo se dar em decorrência de um traço característico do escritor. Nos demais séculos, percebe-se que as formas geminadas e craseadas aparecem em relativo equilíbrio.

Como tal fato parece-nos de grande relevância, pode ser interessante analisar algumas palavras que construíram tal resultado no tocante ao século XV, para isso, segue um segundo gráfico, onde consta o contraste entre as duplicações e as crases dentro de cada forma concorrente em vocábulos que tiveram pelo menos 10 aparições ao longo do texto analisado.

Gráfico 2 - Formas geminadas X formas craseadas em palavras com pelo menos 10 aparições



Fonte: o autor

Uma informação relevante: 416 das 602 formas analisadas no supracitado texto do século XV aparecem em suas formas com hiatos, o que corresponde a mais de 69% das ocorrências gerais dos vocábulos em cenário de concorrência. O gráfico acima representa 389 ocorrências com hiatos contra 176 craseadas que, somadas, compreendem aproximadamente 94% das palavras coletadas no âmbito do século XV. Observa-se que somente duas palavras desse gráfico (*beem* e *booa*) apresentam prevalência das formas craseadas sobre as formas com hiato, todas as demais apresentam vantagens significativas (com a exceção do vocábulo *razoões*) das formas arcaicas, fato que contribuiu diretamente para o surpreendente resultado apresentado.

Essa análise geral é fundamental para se compreender que, embora o período arcaico da Língua Portuguesa seja marcado pela concretização da maioria dos processos fonéticos e fonológicos que culminaram no português moderno, nem todos esses processos foram finalizados a tempo da publicação das primeiras gramáticas redatadas em meados do século XVI. É possível que tal processo tenha ganhado força na segunda metade do século, no entanto, as evidências para tal argumento não poderão ser coletadas por meio dos dados aqui apresentados.

A fim de identificar eventuais particularidades no processo evolutivo dos metaplasmos da Língua Portuguesa, passarei à análise de alguns grupos de palavras, enfatizando os processos de síncope geradores dos hiatos, bem como a lenição das palavras por meio da crase. Será utilizado o étimo latino para a titulação, a fim de evitar a replicação de todas as formas coletadas nos textos.

#### 4.1.1 Bene, Bonum, Bona, Beneficium e Benedictus

Como citado anteriormente, o principal fenômeno linguístico responsável pela formação de hiatos geminados no âmbito da Língua Portuguesa do período arcaico foi a síncope de consoantes intervocálicas. Todas as palavras analisadas nesse tópico sofreram a síncope da vogal /n/ que, combinada, em alguns casos, com outros fenômenos metaplasmáticos, deram origem às palavras portuguesas contemporâneas. Será feita, a seguir, a análise das palavras encontradas nos textos analisados que apresentam tais características. Assinalo que não abordarei todos os metaplasmos sofridos pelos vocábulos, reduzindo a discussão às sílabas responsáveis por originar os hiatos que posteriormente sofreriam crase, adicionando algumas informações acerca dos demais fenômenos fonéticos, quando julgar necessário.

O étimo *bene*, responsável por originar a palavra portuguesa *bem*, apareceu nos textos analisados sob as formas *beem*, *bee~(s)* e *been(s)*. Vale resaltar que o símbolo (~), grafado no interior de um grande número de palavras da época indica que houve a nasalização de uma vogal, em decorrência da queda de uma consoante nasal (nesse caso o /n/). Tal símbolo ainda hoje é utilizado com a mesma função, no entanto, a gramática determina seu uso sobre a vogal nasalizada. Dito isto, a queda da supracitada consoante, acabou por nasalizar a vogal anterior,



dando origem à forma intermediária *bee~*, que mais tarde se materializaria na escrita por meio da inserção do grafema <M> sob a forma *beem* e, em seguida, sofrendo a crase que determinaria a forma contemporânea: *bem*.

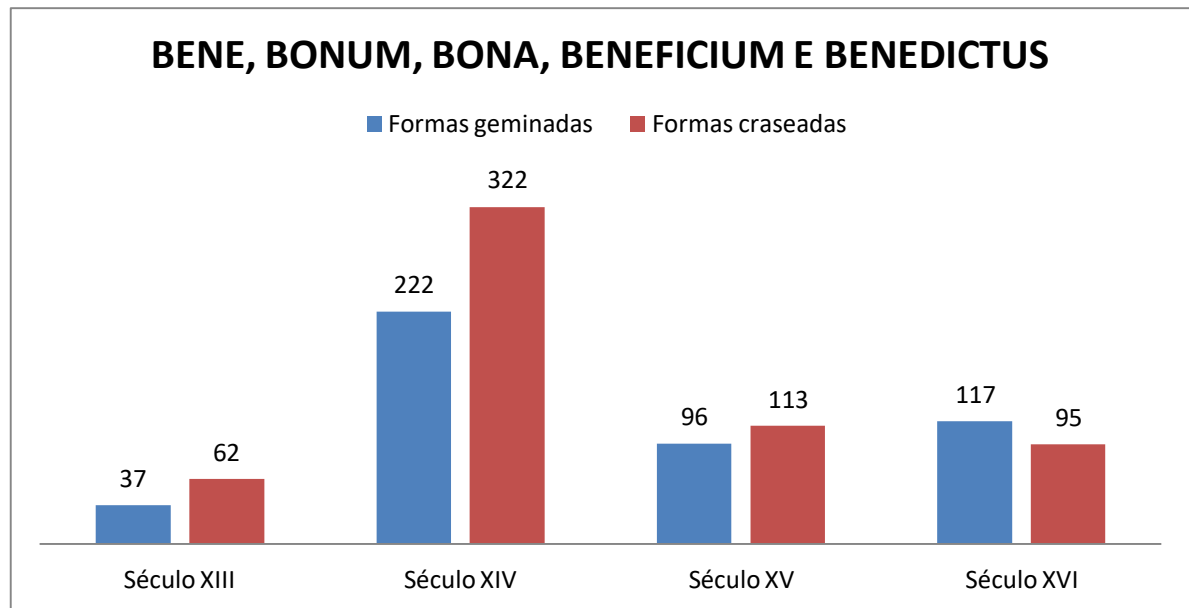
A palavra latina *bonum*, que daria origem a bom no português, passou por um processo parecido. A diferença em relação ao que ocorreu com o vocábulo *bene* foi o fato de ter havido inicialmente a queda do /s/ final (apócope), fato responsável pela conversão u>o, fenômeno ocorrido de forma sistemática sempre que a referida vogal aparecia em posição final de palavra. Tais mudanças originaram o termo *bão*, que mais tarde passaria a *boom* e finalmente se converteria em *bom*. Nas pesquisas realizadas, foram encontradas as formas *boo(s)*, *boo~(s)*, *boom(ns)*, *bão(s)* e *boõ(s)*.

O processo sofrido pelo étimo *bona* é similar aos anteriores, originando-se no processo da síncope do /n/ intervocálico. Ressalto que, em decorrência da nasalização advinda da queda da referida consoante, encontram-se, nos textos, formas grafadas como *boã(s)* e *boo~a(s)*, no entanto, a presença da forma grafada em *booa(s)* indica que o processo de desnasalização, que daria origem a nossa forma atual *boa*, já estava em processo no PA. O hiato nessas formas é decorrente de uma analogia com a forma masculina *boom*.

Os processos fonéticos pelos quais passaram as palavras *beneficium* e *benedictus* compreendem um processo síncope seguido por um processo de nasalização da vogal anterior. Ainda que não tenham sido encontradas evidências materiais, é provável que tenha havido uma fase intermediária na qual a forma escrita tenha apresentado o acento de nasalização (~). Em algum momento, principalmente após a efetivação do processo de crase na vogal geminada, a marca de nasalização se materializou novamente sob a forma de uma consoante nasal na posição de coda silábica, o que possivelmente tenha originado as formas *beento* e *beençom* que posteriormente se normatizariam como os vocábulos portugueses *bento/bendito* e *benção*. Foram encontradas ainda as realizações *beenço~*, *beenta(s)*, *bemto(s)* e *bemta(s)*.

Segue abaixo um gráfico explicitando o contraste entre as realizações craseadas e com hiatos das referidas palavras no período arcaico do português.

Gráfico 3 - Bene, Bonum, Bona, Beneficium e Benedictus



Fonte: o autor

#### 4.1.2 Tenebras e Generalis

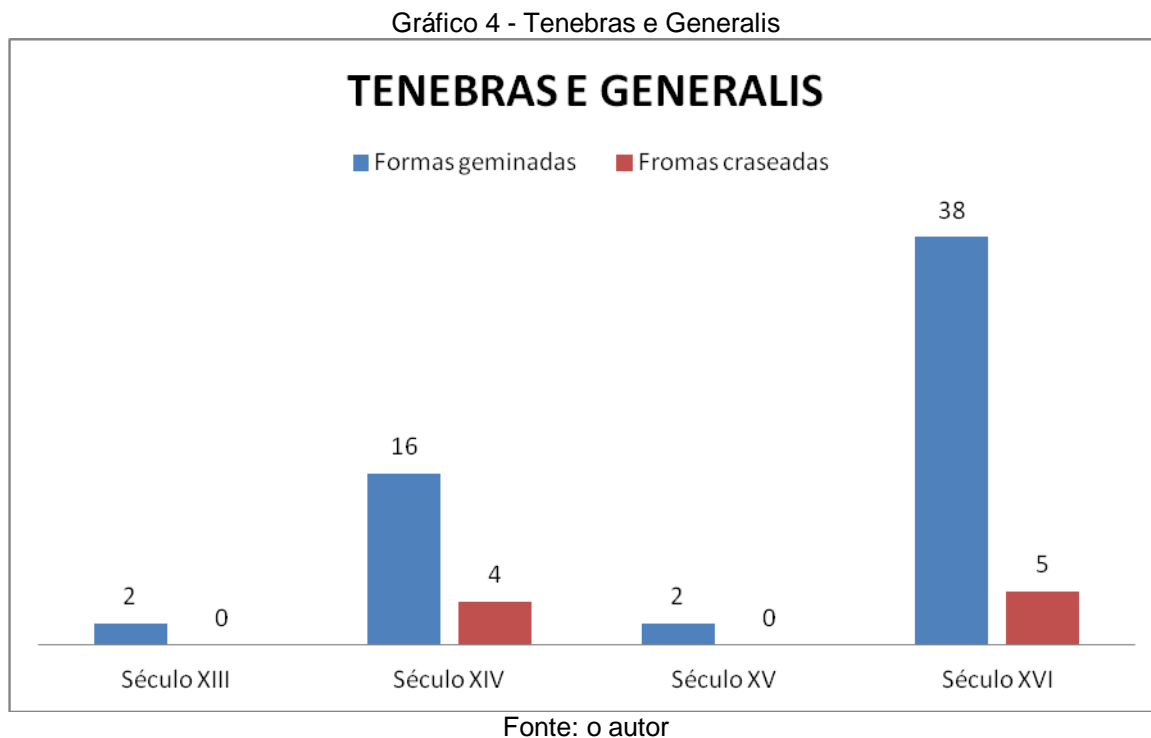
As formas latinas *tenebras* e *generalis*, responsáveis pelas formas atuais *treva* e *geral*, seguem as mesmas características de formação das palavras analisadas no tópico anterior, ou seja, a queda da consoante intervocálica /n/ origina a forma duplicada que mais tarde se assimila por meio do fenômeno da crase metaplasática. O primeiro étimo apresenta a metátese<sup>2</sup> do /r/ que se desloca da sílaba final para a sílaba inicial (provavelmente ocorrido posteriormente ao fenômeno da síncope). Outro fenômeno metaplasático que ocorre na evolução desse vocábulo é a degeneração<sup>3</sup>. Dessa forma o caminho natural da evolução do vocábulo seria *tenebras*>*teebra*>*treeva*>*treva*, com as três últimas formas sendo encontradas nos textos analisados.

Por outro lado, o caminho evolutivo de *generalis* é bem mais simples, sendo composto basicamente pelas síncope e apócope responsáveis por originar a forma arcaica *geeral* que, mais tarde, culminaria na forma craseada contemporânea.

<sup>2</sup> Movimentação de um fonema no interior de uma palavra

<sup>3</sup> Conversão da oclusiva bilabial sonora /b/ em fricativa labiodental sonora /v/.

Nos dados apresentados no gráfico abaixo, pode-se perceber que as formas geminadas prevalecem facilmente sobre as craseadas, ficando essas últimas restritas a pequenas aparições no âmbito dos séculos XIV e XVI.



#### 4.1.3 *Pede*, *Credentia*, *Fidem* e *Merçedis*

As formas latinas *fidem* e *pede*, responsáveis diretas pela origem das formas contemporâneas *fé* e *pé* bem como os étimos *credentia* e *merçedis* que sofreram adaptações a fim de se converterem respectivamente nos vocábulos *crença* e *mercê* na língua portuguesa moderna, passaram pelo processo sistemático da síncope da consoante intervocálica /d/.

O processo fonético sofrido pelo latim *pede* é de simples explicação: queda da consoante oclusiva alveolar sonora /d/ seguida pela crase das vogais com hiatos, isto é, *pede* > *pee* > *pé*. No âmbito dos textos analisados não foram encontradas quaisquer formas dessa palavra já com a manifestação da crase, o que permite conjecturar que a modernização da forma pode ter se dado tardiamente, se comparada com a maioria das palavras analisadas neste trabalho. Talvez isso se deva a sua baixa frequência de uso, já que o número de aparições (42) é bem inferior, por exemplo, se comparado com as variações do étimo *bonum* (167).

No que tange ao étimo *credentia*, a síncope, acompanhada da crase metaplasmática, atua juntamente com um processo de fricativização<sup>4</sup> dos fonemas [-ti], que acaba por se converter na sibilante /s/, dando origem a forma moderna *crença*. A forma majoritariamente presente nos textos analisados é o vocábulo ainda com a presença do hiato (*creença*). Ao longo dos séculos do período arcaico, é perceptível a enorme prevalência da forma com hiato em relação à moderna, essa última aparecendo somente por meio de seu antônimo “descrença”, o qual surge redatado apenas duas vezes.

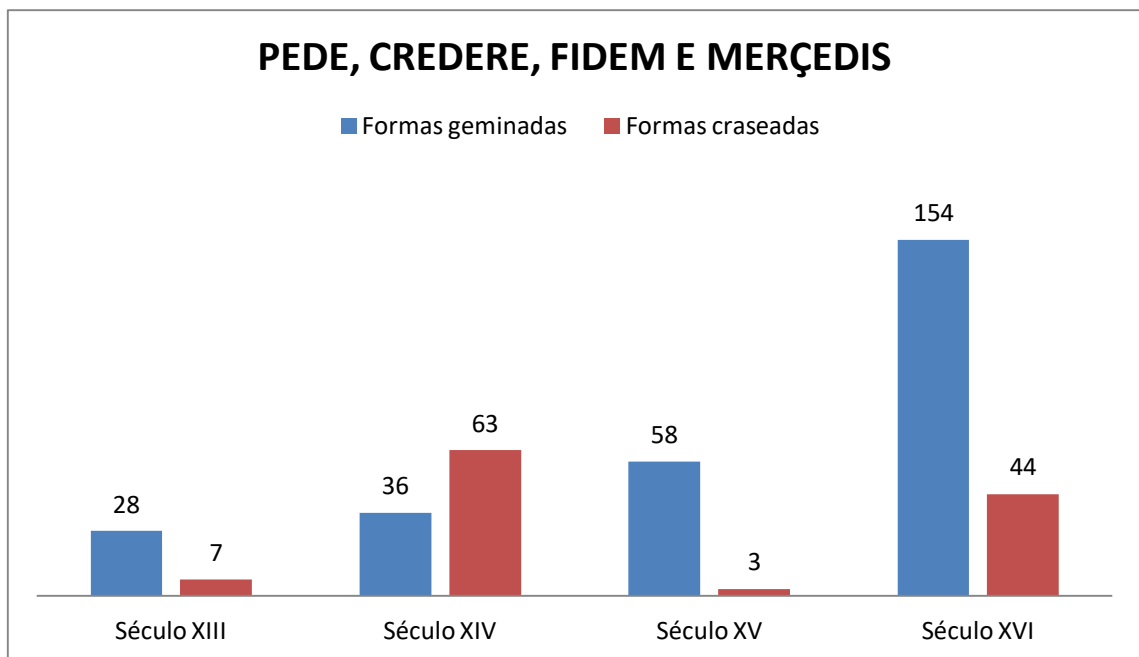
As duas últimas formas a serem analisadas neste tópico são os étimos *fides* e *mercedis*. Dois processos merecem destaque no desenvolvimento fonético dessas palavras: a já citada síncope intervocálica e um processo de assimilação total<sup>5</sup> do fonema /i/ por parte do fonema /e/, originando um caso de hiato nas referidas palavras. Essas modificações somadas ao fenômeno sistemático da apócope do fonema /s/ foram responsáveis pela formação das formas arcaicas *fee* e *merçee*, posteriormente substituídas por *mercê* e *fé*, vocábulos portugueses originados em decorrência da crase metaplasmática.

Acerca das palavras analisadas nesse apartado, segue um gráfico que resume o contraste da época.

---

<sup>4</sup> Processo por meio do qual um segmento consonantal oclusivo seguido ou não de vogal, passa a sons sibilantes.

<sup>5</sup> Viaro (2013) traz uma explicação didática acerca da assimilação, afirmando que “alguns sons são ‘mais fortes’ que outros em latim, e a vizinhança de um som forte com um som fraco acaba provocando a descaracterização do som fraco, que se torna idêntico ou parecido com o som forte”.

Gráfico 5 - *Pede, Credentia, Fidem e Merçedis*

Fonte: o autor

Em um quadro geral, fica perceptível que as formas com hiatos prevalecem sobre as craseadas mesmo no século XVI. A exceção fica por conta do século XIV, no qual o autor da Crônica de D. Pedro I utiliza com veemência a forma moderna “fé” (61 vezes) em detrimento da forma arcaica (inexistente), conferindo grande vantagem às formas já craseadas.

#### 4.1.4 *Diabulus, Populum, Voluntatis e Dolorem*

Os étimos latinos *diabulus*, *dolorem*, *populum* e *voluntatis* responsáveis pela formação dos vocábulos *diabo*, *dor*, *povo* e *vontade* seguiram basicamente o mesmo caminho até originarem os hiatos: queda da consoante intervocálica /l/.

Após o fenômeno da síncope (combinada à apócope sistemática da consoante final de palavra), o vocábulo latino *diabulus* culminou na geminação da vogal média posterior /o/. Ressalta-se que, com a apócope do /s/ final, a vogal /u/, que agora herdara a posição final do vocábulo se convertia sistematicamente em uma vogal mais baixa, no caso /o/, a qual seria responsável, mais tarde, por causar a assimilação total da vogal anterior, originando assim o hiato. O mesmo processo ocorreu com a forma arcaica *populum*. As geminações nessas duas palavras sofreriam, mais tarde, o processo de crase, a fim de converterem-se nas formas

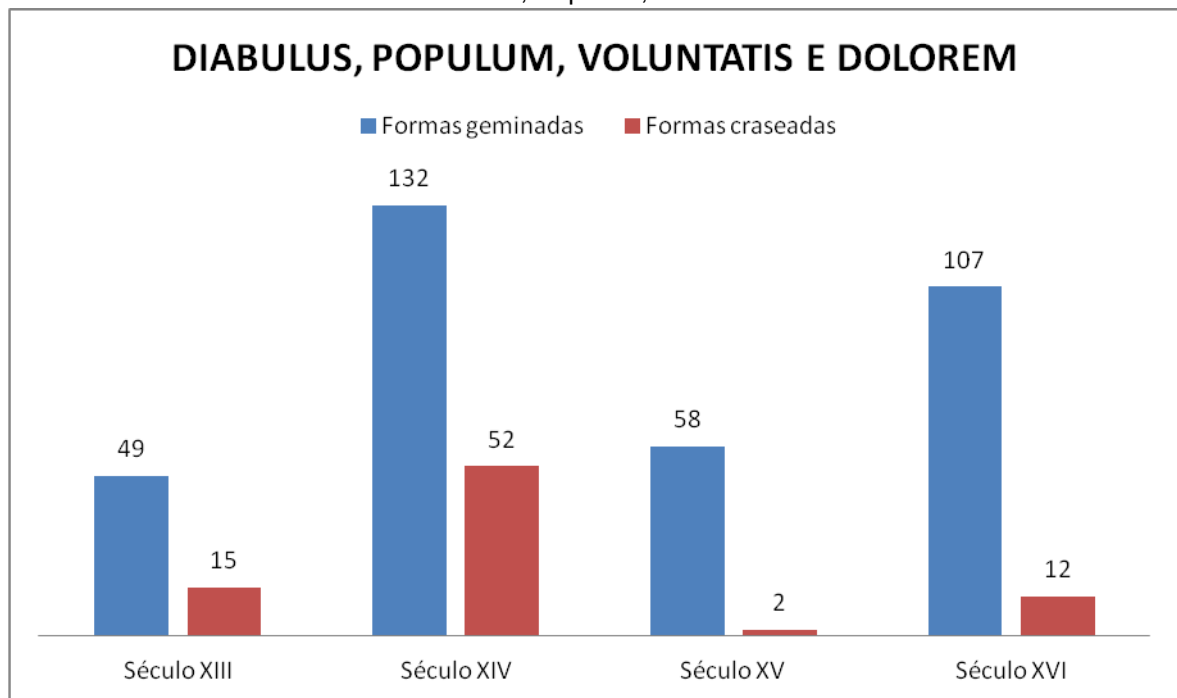
modernas presentes na Língua Portuguesa. Foram encontradas, nos textos analisados, as variações *diaboo(s)*, *dyaboo(s)*, *poboo(s)* e *povoo(s)*.

No que tange à forma primitiva *voluntatis*, o processo de assimilação da vogal /u/ pela vogal /o/, ocorrida em estágio anterior ou posterior a síncope intervocálica, deu origem ao hiato em /o/. O fato curioso acerca desse vocábulo é que se observa a prevalência da forma craseada sobre a forma geminada apenas no texto do século XIII, fato que vai em sentido totalmente oposto à tendência de evolução e estabilização da época. Destaca-se, nesse vocábulo, outro processo fonético muito comum na evolução da língua portuguesa: a conversão de algumas consoantes surdas em suas respectivas homorgânicas por meio de um processo chamado de sonorização (como observado na troca do /t/ pelo /d/).

Algo muito interessante ocorre com a evolução do étimo *dolorem* à forma contemporânea *dor*. Os processos de apócope dos dois últimos elementos fonéticos deram origem a variante *dolor*, que ainda hoje está presente na Língua Espanhola. No âmbito da língua portuguesa, a forma duplicada, formada pela queda da consoante, deu origem à variante arcaica *door*, substituída mais tarde pela aplicação do fenômeno da crase que originou a palavra *dor*. No entanto, quando se utiliza esse substantivo para criar adjetivos, recorre-se à forma latina, como em *dolorido* e *doloroso*. Essa característica é extremamente comum na Língua Portuguesa e, por meio dela, é possível observar as diversas formas assumidas pelas palavras ao longo dos séculos e comprovar os processos dinâmicos tão característicos da evolução linguística.

O gráfico apresenta as ocorrências dos vocábulos oriundos dos étimos presentes no título deste tópico durante os quatro séculos abordados nesta pesquisa.

Gráfico 6 - Diabulus, Populum, Voluntatis e Dolorem



Fonte: o autor

#### 4.1.5 Caelum, Paenitentiae, Hominem e Magister

As palavras latinas *caelum*, *paenitentiae*, *hominis* e *magister* passam por alguns processos fonéticos com maior grau de complexidade se comparados à maioria das palavras analisadas até aqui. Observa-se processos de fricativização, assimilação total e parcial responsáveis por gerar algumas mudanças mais severas tanto na escrita quanto na fala.

Inicialmente a palavra *caelum* sofreu um processo de assimilação entre as vogais /a/ e /e/. Ao mesmo tempo em que a vogal baixa central tentou assimilar a vogal média-alta anterior ocorreu um mesmo movimento no sentido contrário. Por fim, como nenhuma das vogais conseguiu assimilar totalmente a outra, ambas sofreram modificações, transformando-se na vogal média-baixa /ɛ/ por meio de um processo de assimilação parcial. Como consequência de tal fenômeno fonético, a consoante oclusiva velar /k/ acabou por sofrer um processo de fricativização para o fonema /s/, dada a impossibilidade de manter relação direta com o novo fonema vocálico que se apresentara. Esse movimento somado às já mencionadas síncopes e apócope dos fonemas /l/, /u/ e /m/ foi responsável por originar a forma antiga *çeeo*,

encontrada em demasia nos textos do *corpus* desse trabalho. Como último passo, ocorreu o craseamento do hiato, fato que originou a forma atual céu.

Algo parecido, ainda que menos complexo, ocorreu na passagem do étimo latino *paenitentiae* ao seu correspondente português moderno *penitência*. A diferença aqui ocorre por meio de a assimilação ter se dado em seu caráter total, uma vez que a vogal /a/ foi completamente assimilada pela vogal /e/, dando forma a variante *peenitentiae*<sup>6</sup> que mais tarde se converteria na forma intermediária *peendença*, amplamente encontrada no corpus analisado. É possível notar que a forma duplicada deixa de ser encontrada já a partir do século XV, fato que nos leva a pensar que a crase se deu de forma mais sistemática nesse vocábulo, uma vez que o único período em que a forma antiga prevalece sobre a mais moderna é durante o século XIII. Outros fenômenos de ordem fonética e fonológica ocorreram no sentido de produzir a forma moderna dessa palavra que, curiosamente, aproxima-se mais de sua forma latina que da forma galego-portuguesa.

O processo de assimilação ocorrido em *hominem* é de natureza total. Dessa forma, com a queda da vogal intervocálica /n/ ocorre a nasalização da segunda vogal do hiato, fato corroborado pelo aparecimento da variante *homee~(s)* em textos do século XIII e XVI. Em um segundo momento, essa marca de nasalização se converte na escrita com o acréscimo da consoante nasal como na forma *homeem(ns)*, encontrada no texto do século XIX. Com o fenômeno da crase, o processo de mudança se finda, dando origem à forma moderna *homem*. Ressalta-se que esses processos não se materializaram uniformemente ao longo dos séculos, haja vista que as variações consideradas mais antigas são encontradas em textos mais modernos, ao passo que as formas mais evoluídas também aparecem, ainda que em número reduzido, em textos mais datados. Uma informação importante diz respeito ao fato de que as formas craseadas ocorrem com muito mais frequência quando o substantivo é utilizado no singular, sendo a forma com hiatos mais recorrente nas manifestações pluralizadas.

O étimo latino *magister*, responsável pela forma moderna *mestre* se formou de maneira similar ao que aconteceu com o primeiro vocábulo analisado nesse tópico, isto é, ocorre a assimilação parcial entre as vogais /a/ e /i/, o que

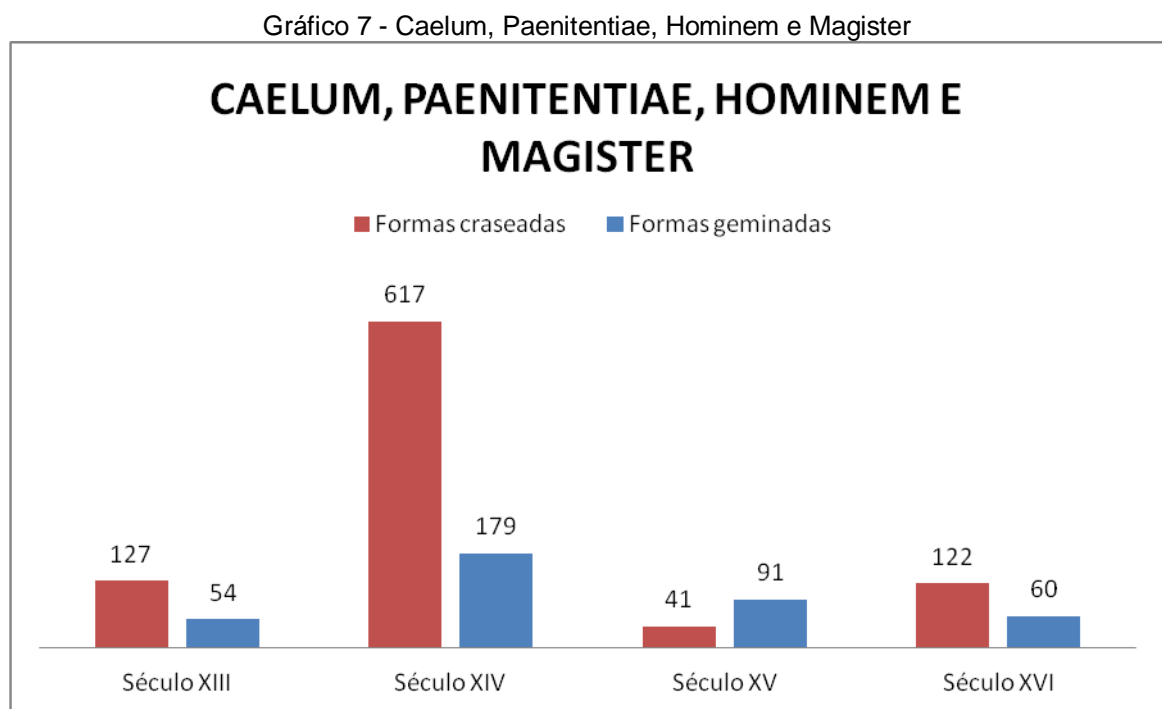
---

<sup>6</sup> Forma não documentada nos textos analisados



culmina na conversão de ambas àquela que seria a forma intermediária, no caso a vogal média-baixa anterior /ɛ/. Outros metaplasmos responsáveis por gerarem a forma moderna foram a síncope do /g/ e a metátese do /r/. É interessante destacar que no inglês, que utiliza esse étimo como empréstimo linguístico, a assimilação ocorreu de maneira inversa, dando origem a forma inglesa moderna *mister*.

O gráfico abaixo exemplifica o contraste entre as formas craseadas e com hiatos no que tange aos étimos acima dissecados.



Fonte: o autor

#### 4.1.6 Ratione, Temptatione, Perfectione e Passione

Os étimos latinos *ratione*, *temptatione*, *perfectione* e *passione* possuem uma característica particular em relação às demais palavras analisadas até aqui: a consoante *intervocálica* /n/ não sofreu o fenômeno da síncope. Dessa forma, não é possível falar de hiato já que não houve o contato direto de duas vogais de sílabas distintas. Com a queda sistemática do elemento fonético final, esses vocábulos tiveram a troca do fonema /n/ pelo /m/ já que, a esse último cabia a representação da nasalidade em posição de coda silábica final (WILLIAMS, 1973, p. 35). Quanto a essa particularidade nas últimas posições fonéticas da palavra, Mattoso Câmara explica que:

...são antigos nomes de tema em –e precedido de /n/ intervocálico, que cedo, no singular, perderam o /e/ final do tema (português arcaico *razom*, de lat., *ratione*; *pam* de lat., *pane*); sucedeu, porém, em seguida, uma ditongação dos finais tônicos –om e –am para ao, e houve a confluência no singular desses nomes de tema em –e com outros de tema em –o, que tinham de início um final em ão. (MATTOSO CÂMARA 1979, p. 80)

Em um primeiro momento, como essa consoante final era responsável por conferir o traço de nasalização à vogal anterior, a representação variou entre a forma terminada em –om e a forma em –õ. No entanto, posteriormente, essas marcas passaram a ser sistematicamente substituídas pela nasalidade presente na terminação –ão por meio de um processo de ditongação. Isso fica claro quando Mattoso Câmara (1979, p. 80) defende que desde metade do século XV, em final de sílaba, o –am é pronunciado [ãw]. Neste caso, o –m nasaliza o “a” e um “o” paragógico se fixa à vogal “a” para representar o [w] que por fim, resultou no ditongo –ao”.

Essa explicação se aplica a todos os étimos presentes no título deste tópico, os quais resultaram nas formas contemporâneas *razão*, *tentação*, *perfeição* e *paixão*. Outros metaplasmos, como a síncope e a fricativização, permeiam as transformações destes étimos nos vocábulos presentes no âmbito da Língua Portuguesa.

O latim *passione* se manifestou sob a forma *paixões*; *ratione* aparece sob as formas *razões* e *razões*; *temptatione*, sob a forma *tentações* e; *perfectione* se manifesta por meio das variantes *perfeições* e *perfeições*. O mais interessante é que todas as aparições desses vocábulos em suas formas geminadas ocorrem por meio de plurais, enquanto as formas craseadas se restringem aos substantivos singulares. Em nossas pesquisas, não foram encontradas explicações claras para formação de tais ditongos, podendo ser resquícios do conflituoso processo evolutivo dos plurais formados pelos étimos terminados em –one. Não apresentarei dados comparativos mais elaborados por se tratar única e exclusivamente de variações entre formas singulares e plurais.

#### 4.1.7 Os casos particulares – Fidelis, Solum e Metipsimum

Durante as buscas nos textos selecionados para constituir o *corpus* dessa pesquisa deparei-me com alguns vocábulos que, embora não fossem o cerne de nosso levantamento de dados, nos pareceram interessantes por explicitarem algumas características diferentes das observadas anteriormente.

O vocábulo *fidelis*, responsável pela formação da palavra *fiel* na contemporaneidade, foi encontrado nas análises em sua forma arcaica pluralizada *fiées*. No entanto, embora o hiato seja aparente, o fenômeno da crase não se materializou, haja vista que, por um processo de dissimilação, a segunda vogal /e/ passou a /i/ na forma pluralizada, originando a forma atual *fiéis*. É importante perceber, por meio dessa ocorrência, que nem todo caso de geminação culmina no fenômeno da crase metaplasmática. Outros casos de duplicação resistiram até mesmo às condições de economia linguística, resultando em sua manutenção até os dias de hoje, como ocorre em alguns casos de composição por justaposição e hibridismo e até mesmo em algumas formas verbais.

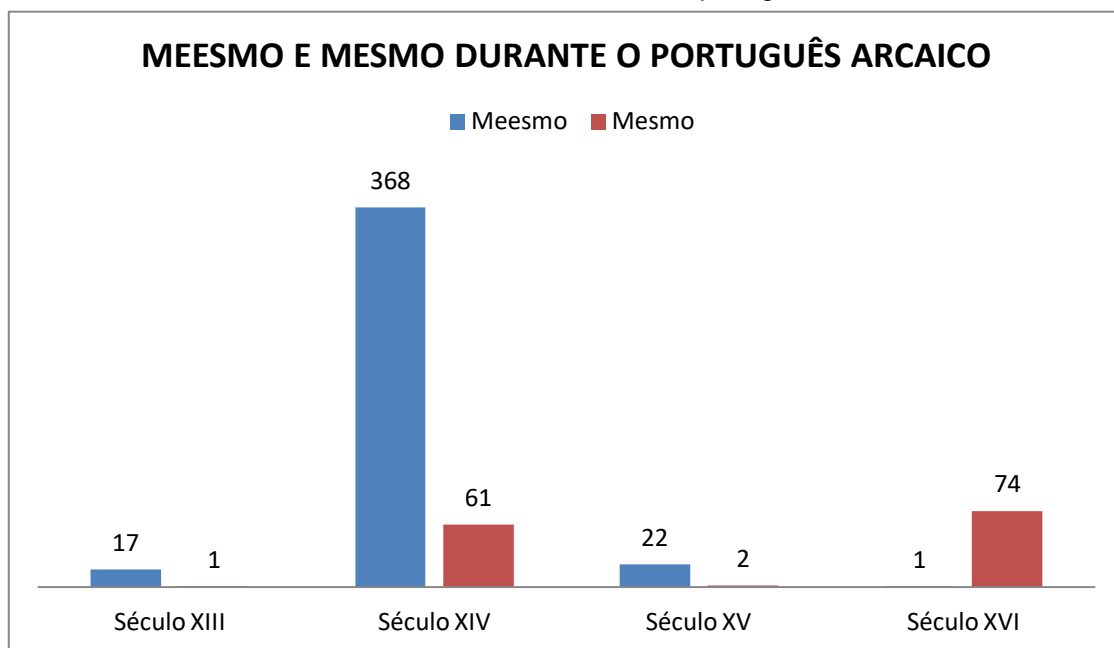
Já o étimo *solum* é um caso típico de craseamento que poderia ter sido descrito anteriormente, no entanto, pareceu-nos melhor trabalhá-lo de forma isolada por aparecer também em sua forma adverbial acompanhado do sufixo *–mente*. A duplicação se dá, a exemplo de outras tantas, com a queda da consoante intervocálica e a apócope que resultou na transformação da vogal final /u/ em /o/. Com essas mudanças, a palavra *soo*, extremamente abundante nos textos analisados, permaneceu por alguns séculos até ser substituída pela forma moderna *só*. Como esse vocábulo pode aparecer também sob a forma de um adjetivo, uma variante constituída por esse morfema e pelo supracitado sufixo também apareceu com bastante frequência no *corpus*, sob a forma adverbial arcaica *soamente*. Ressalta-se que em ambos os casos a presença das variantes geminadas superou com folga as formas craseadas.

Por fim, destaco o caso mais improvável de variação a que se teve acesso por meio dos dados levantados. O vocábulo *meesmo*, encontrado em demasia nos textos analisados, é resultado de um longo e rico processo sofrido pelo étimo *ipse*. Sobre o processo evolutivo desse vocábulo, Viaro traz a seguinte explicação acerca do referido étimo:

Em latim, “mesmo” se dizia *ipse*, mas já havia reforços como *metipse* ou *ipsemet*. Até onde eu sei, *meesmo*, forma antiga do atual *mesmo*, vem do superlativo de *metipse*, ou seja, *metipsimum*, donde saiu *medesimo* no italiano. O português viria daí também: *medesimo* > *meesmo* > *mesmo* > *mesmo*... (VIARO 2019, mensagem pessoal)

É incrível perceber que nem sempre o processo de evolução caminha no sentido da economia linguística. Essa arbitrariedade já havia sido exposta na explicação do étimo *pendença* que culminou no vocábulo moderno *penitência*, no entanto, o caminho percorrido aqui pareceu-nos bem mais complexo. A inserção de um prefixo enfático (*met-*) juntamente com um sufixo de superlativo (*-issimus*) deu origem ao étimo do qual vieram os posteriores fenômenos metaplasматыcos responsáveis por construir a forma tal atual. Dessa forma, a reconstrução evolutiva desse vocábulo sugere o seguinte caminho: *ipse* > *metipse* > *metipsimum* > *medesimo* > *meesmo* > *mesmo*. O gráfico a seguir mostra a ocorrência desses dois últimos vocábulos durante o período arcaico da Língua Portuguesa.

Gráfico 8 - Meesmo e mesmo durante o português arcaico



Fonte: o autor

O gráfico explicita outro caso em que a forma geminada passou a ser substituída paulatinamente pela forma craseada, promovendo a quase extinção da forma arcaica já em meados do século XVI.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo inicial desse trabalho era comprovar que praticamente todos os traços relacionados ao fenômeno da crase metaplasática do português arcaico haviam sido substituídos por outros mais modernos já na primeira metade do século XVI, período no qual foram escritas as primeiras gramáticas normativas da língua que se expandia para além da costa oeste da Península Ibérica. A ideia era observar a queda constante dos hiatos ao longo dos quatro séculos que compõem esse período histórico de nossa língua até perceber a quase inexistência desse traço no último texto analisado.

No entanto, o que se observou foi a total impossibilidade de afirmar que esse processo tenha se dado de forma sistemática, haja vista que poucos foram as palavras ou grupos vocabulares que tenham apresentado uma evolução constante ao longo dos séculos. O que se observa é a aparição aleatória de formas arcaicas e contemporâneas dentro de um mesmo texto, algumas vezes até mesmo em um mesmo período. Isso ocorre, provavelmente, pela ausência de uma lei gramatical e ortográfica que delimite o uso das formas concorrentes amplamente difundidas ao longo de 4 séculos. Tal normatização foi criada poucos anos depois da publicação do texto mais antigo analisado neste estudo. A nova hipótese que defendo é a de que esses traços remanescentes alcançaram sua quase extinção já no final do século XVI e início do século XVII, cerca de meio século depois da disseminação das regras de uso da Língua Portuguesa. Por outro lado, não se pode afirmar que essas mudanças já não possam ter ocorrido mesmo durante o período arcaico do português, uma vez que o corpus que compõe essa pesquisa ainda constitui parte ínfima em comparação com toda a produção escrita da época. É possível que tais características se relacionem a traços característicos dos escritores selecionados para a esta análise, de modo que um estudo mais abrangente possa vir a negar boa parte das conclusões aqui alcançadas. Faz-se necessária a expansão do corpus por meio da análise de um número bem mais elevado de textos para que se chegue a alguma comprovação mais concreta acerca do processo evolutivo da crase durante esse período da história de nossa língua.

Mesmo com todas essas questões a serem ressaltadas, se há algo que se pode concluir com veemência é que a ausência de normatização colaborou para

que houvesse esse cenário tão contrastivo entre formas arcaicas e modernas durante esse período de transição. Fato é que qualquer afirmação acerca da estabilização de uma forma de prestígio durante este período ainda carece de maior embasamento material e aprofundamento contextual, a fim de constituir uma verdade absoluta acerca do período real em que se deu o desaparecimento das formas em hiato.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernadete; PFEIFFER, Cláudia; AVELAR, Juanito. **Fernão de Oliveira** – um gramático na história. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2009.

ALI, Manuel Said. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 8. ed. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 2001.

CORPUS INFORMATIZADO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL. **Catecismo**. Disponível em: <<https://cipm.fcsh.unl.pt/corpus/edicao.jsp?id=1336>>. Acesso em: 29 de set. 2019.

CORPUS INFORMATIZADO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL. **Corte Imperial**. Disponível em: <<https://cipm.fcsh.unl.pt/corpus/edicao.jsp?id=1343>>. Acesso em: 18 de ago. 2019.

CORPUS INFORMATIZADO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL. **Crônica de Dom Pedro I**. Disponível em: <<https://cipm.fcsh.unl.pt/corpus/edicao.jsp?id=1296>>. Acesso em: 10 de set. 2019.

CORPUS INFORMATIZADO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL. **Dicionário de Verbos do Português Medieval**. Disponível em: <<https://cipm.fcsh.unl.pt/verbos/indiceverbos.jsp>>. Acesso em: 10 de set. 2019.

CORPUS INFORMATIZADO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL. **Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense**. Disponível em: <<https://cipm.fcsh.unl.pt/corpus/edicao.jsp?id=1142>>. Acesso em: 27 de out. 2019.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Ao livro técnico, 1976.

CUESTA, Pilar Vásquez. LUZ; Albertina Mendes da. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Edições 70, 1971.

MATEUS, Maria Helena Mira. A investigação em fonologia do português. **Revista Delta**, São Paulo: Universidade de Lisboa, Vol. 17, 2001, p. 57-79.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O Português Arcaico** – Fonologia, Morfologia e Sintaxe. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

MATTOSO CÂMARA JR. Joaquim. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Padrão, 1979.

MONIZ, Fábio Frohwein de Salles. **Dicionário de Latim-Português**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2001.

NARO, Anthony Julius. **Estudos Diacrônicos** – Tradução de nove artigos por Laís Campos e Kátia Elisabeth Santos. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1973

NUNES, José Joaquim. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa**. 5. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1956.

VIARO, Mário Eduardo. **Manual de Etimologia do Português**. 2. ed. São Paulo: Editora Globo, 2013.

VIARO, Mário Eduardo. **A etimologia da palavra mesmo** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por Juliana Soledade Barbosa Coelho via aplicativo *Whatsapp* em 20 de novembro de 2019.

WILLIAMS, Edwin Butcher. **Do Latim ao Português: fonologia e morfologia históricas da Língua Portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1991

WHITNEY, William Dwight. **A Vida da Linguagem**. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.